

Narrador: A queda do mais antigo regime fascista da europa permitiu que partidos políticos ~~de massas~~ ^{dirigido} pudessem agir livremente. O Partido Socialista Português, formado em 1973 e ~~liderado~~ por Mario Soares, está agora no poder. Eis um excerto do seu primeiro manifesto: ' O Partido Socialista rejeita o caminho pelo qual certos movimentos- que se dizem sociais-democratas ou mesmo socialistas- procuram deliberadamente conservar as estruturas do capitalismo e servir as estruturas do imperialismo. '

Dois homens trazem o cadáver do Mário Soares embrulhado numa bandeira vermelha de maneira que o público não consiga ver quem é. Actuam duma maneira bastante casual com o cadáver, deixando ^o cair no meio do palco, e possivelmente um deles senta-se nos joelhos ^{do cadáver}.

Primeiro homem - Apre! Que este gajo pesa como burro. E ainda por cima tivemos de o trazer desde Bona!

Segundo homem - Afinal, que é que ele estava a fazer em Bona?

Primeiro homem - Foi a uma reunião comemorativo do Comité Para a Defesa da Democracia em Portugal. Estava a fazer um brinde para re-afirmar o seu apoio aos 'altos princípios' da NATO e... ~~entaleu-se!~~ ^{engasgou-se}

Segundo homem - Quem diria!

Cuem-se ruídos vindos da bandeira vermelha; primeiro vê-se uma mão a sair e depois Mário Soares sai da bandeira.

Mario Soares - Já estou no céu?

Primeiro homem - ~~Não exactamente....~~ ^{Ainda não....}

Segundo homem - E que primeiro vai haver um julgamento....

Soares - Ai, uma bandeira vermelha! Tirem-me daqui! Vocês tinham de me trazer nisto? Toda a minha vida odiei a côr vermelha, mas tive de a aguentar... você falou num julgamento? Mas, julgamento de quem?

Segundo homem - O seu! Antes de você ~~frizar~~ poder passar para o outro lado, tem de ser julgado. ~~Ninguém escapa.~~ ^{A isso ninguém escapa.}

Soares - Bem, se tem de ser... Espero que vá ser feito duma maneira verdadeiramente democrática. E quem é que me vai julgar?

Primeiro homem (Apontando para a audiência) Eles ~~vão!~~

Soares (olhando para a audiência) O quê? Mas, eles são trabalhadores e eu sou um profissional, um advogado! Exijo um juri da minha categoria.

Segundo homem - Não há muitos da sua categoria que consigam vir para aqui.

Primeiro homem- Mas, claro, se você não quiser passar para o lado de lá...

Soares - Bem... eu não tenho nada a esconder... aliás, eu fundei e ~~liderei~~ ^{dirigi} um grande partido da classe operária. Tenho a consciência tranquila. Os trabalhadores que me julguem... mas vocês acham que eles podem ser rápidos? Eu sou um homem muito ocupado e não estou habituado a que me façam esperar.

Primeiro homem - Não se aflija, cá em cima ~~há todo o tempo do mundo.~~ ^{temos a eternidade à nossa frente} (Vira-se e fala para o ~~juiz~~ juri.) Senhores jurados! Mário Soares-

Soares - Primeiro Ministro de Portugal, antigo ministro dos estrangeiros, e líder do Partido Socialista...

Primeiro homem - ...espera ^o julgamento. Considerem todas as provas ^{que} cuidadosamente. Perguntem ~~me~~ a vocês próprios estas perguntas: (As perguntas deviam ser feitas muito devagar com pausas suficientes para que a audiência se aperceba inteiramente do seu significado) A quem é que ele dedicou a sua vida? Aos explorados? Ou aos exploradores? Com que fins é que ele trabalhou? Para manter a exploração? Ou para acabar com a exploração? Que meios usou para atingir os seus fins? Expôs a exploração? Ou escondeu-a? Perguntou ao povo? Ou ditou ao povo? Armou o povo? Ou desarmou-o?



F364C25A-GTAF

SC1

SSC1.1

SR1

(3-2)

- Soares - Protesto! Estas perguntas são preto no branco! A política é um negócio muito complicado, não se pode reduzi-la a formulas tão simplificadas e esperar que amadores a entendam.
- Primeiro homem - Vocês os 'profissionais' fazem as decisões, nós os amadores temos de as cumprir e sofrer as consequências. Nós compreendemos o que é pelos nossos interesses e o que não é. Protesto rejeitado.
(Este actor pode passar a ser o juiz)
- Juiz - Mandem entrar a primeira testemunha.
(Ouve-se a música 'Bandeira Vermelha' e James Callaghan entra mascarado. Soares fica encantado quando o vê; eles podem posar para os fotografos, etc.)
- Juiz - Nome?
- Callaghan - (Um bocado surpreendido por lhe terem perguntado o nome) James Callaghan.
- Juiz - ~~Podete~~ dizer a verdade?
- Callaghan - Que Harold seja a minha testemunha.
- Juiz - (O papel do juiz é, de certa maneira, de investigador) Senhor Callaghan, como é que veio a conhecer Sr. Mario Soares?
- Callaghan - Bem, eu apoiava-o, naturalmente. Ele estava a ajudar Portugal a recuperar do cancro do fascismo.
- Soares e Callaghan - Sem abrir caminho ao comunismo.
- Callaghan - Ele queria conduzir o seu país gentilmente para um socialismo democrático...
- Soares e Callaghan - Sem dizer adeus ao capitalismo.
- Callaghan - Uma causa muito querida a mim próprio. O Partido Socialista era o unico partido capaz de construir um socialismo democrático.
- Juiz - De que maneira é que voce o apoiava?
- Callaghan - ~~Financialmente, claro. Existiam partidos trabalhistas e outros partidos de esquerda. O Partido Trabalhista fez varias contribuicoes para os fundos do Partido Socialista. E alem disso fizemos com que o Mercado Comum fizesse emprestimos a Portugal.~~
Financialmente, claro. Existiam partidos trabalhistas e outros partidos de esquerda. O Partido Trabalhista fez varias contribuicoes para os fundos do Partido Socialista. E alem disso fizemos com que o Mercado Comum fizesse emprestimos a Portugal.
- Juiz - Com condicoes?
- (Soares faz gestos para Callaghan para que este se cale)
- Callaghan - Ah, mas Mario queria condicoes! Bem ve, nós dissemos-lhe que nao dariamos dinheiro a Portugal a nao ser que lá se criasse uma democracia parlamentar a maneira ocidental e que se desse mais poder ao Partido Socialista. Ele tinha todo o país sobre um barril de pólvora.
- Soares - Uma típica expressão inglesa.
- Juiz - Mas isso nao é uma interferência descarada nos assuntos de outro país?
- Callaghan - Ah, não. Nós vemos isto como um problema europeu interno.
- Juiz - Estou a ver. Vocês apoiou o Sr. Soares de alguma outra maneira?
- Callaghan - (olhando em volta com um ar conspiratório e baixando a voz) Bem, toda a sociedade democratica tem de se defender a si própria. Assim, quando o Partido Socialista subiu ao poder, nós treinamos oficiais da Guarda Nacional Republicana em técnicas de controlo de motins- os nossos rapazes estão bastante habituados a controlar motins. E além disso, depois deles terem eliminado a extrema esquerda...
- Soares - 'Reestruturado' o exército.
- Callaghan - ... eu queria dizer 'reestruturado' o exército,- nós recomeçamos a fornecer equipamento e serviços.
- Juiz - E que mais, Sr. Callaghan?
- Callaghan - Bem, eu tambem lhe emprestei isto (desenrola o Pacto Social roido pela traça) - funcionou tão bem para nós durante a nossa última crise que eu pensei que talvez pudesses ajudar o Mario.
- Juiz - Obrigado, Sr. Callaghan.
- Callaghan - De nada, estou content~~e~~ por ter podido ajudar.

- Juíz - Marque esta prova como prova 'A' e chame as próximas testemunhas. (As próximas 2 testemunhas falam por vezes em uníssono. Uma tem as mãos e pés ligados, e a outra tem uma mordaca na boca. Isso é-lhes tirado para que possam falar e fazer gestos.)
- Juíz - Como se chamam?
- Testemunhas - Vasco Martins/ Maria Navarro.
- Juíz - ~~Prometem~~ Prometem dizer a verdade?
- Testemunhas - ~~Nós nunca deixámos de o fazer.~~ *se pde dissemos a verdade*
- Juíz - Onde trabalham?
- Testemunhas - Estamos desempregados.
- Vasco - Eu era tipógrafo no Jornal República.
- Maria - Eu era locutora na Rádio Renascença.
- Vasco - Nós tipógrafos, opusemo-nos a que o nosso jornal fosse usado para fazer propaganda do Partido Socialista.
- Maria - Nós locutores queríamos transmitir sem interferência da igreja católica.
- Testemunhas (juntos) - Por isso tomámos o control
- Vasco - do República
- Maria - da Rádio Renascença.
- Vasco - Mas o Partido Socialista desancadeou uma campanha histórica contra nós. Até se demitiram do governo por nossa causa.
- Soares - Eles são todos comunistas!
- Vasco - Alguns de nós eram comunistas. Mas muitos de nós eram membros de outros partidos, inclusivamente do Partido Socialista. O 'República' ia ser independente de qualquer linha partidária.
- Soares - Eles estavam a tentar minar a liberdade de imprensa.
- Vasco - Nós estávamos a tentar defender a liberdade de expressão e de informação dos trabalhadores, contra os patrões.
- Soares - Qual quê! O que eles queriam era dar o direito aos trabalhadores de determinar o conteúdo do editorial. Senhores e senhoras jurados, peço-vos que imaginem isso: os tipógrafos, os rapazes de recados, e o pessoal de limpeza do 'Times' a dizerem aos editores e jornalistas o que é que eles deviam editar.
- Maria - ~~Antes~~ *deixar* ~~foram~~ os trabalhadores a discutir conosco do que o Ministério da Comunicação a censurar-nos. Eles até trouxeram a artilharia e os carros blindados para nos intimidar e nos fazer calar. Mas o povo discutiu com os soldados, persuadiu-os de que nós tínhamos razão.
- (Ouvem-se vozes por trás da cena, ' República, Renascença, a voz do povo' ' República, Renascença ao serviço do povo', repetido por várias vozes.)
- Maria - As autoridades selaram o nosso emissor.
- Juíz - Então, eles sempre conseguiram calar-vos?
- Vasco - Não! Trabalhadores e soldados organizaram uma manifestação massiva de solidariedade. O povo resolveu reabrir o emissor com as suas próprias mãos.
- Soares - O povo ! Toda a gente sabe que eram vocês e um grupo de estrangeiros amotinados.
- Maria - Eles não nos podiam fazer parar. Nós formámos uma co-operativa com a participação de comissões de moradores e de trabalhadores. A nossa luta tornou-se um símbolo e o apoio que nos davam crescia de dia para dia. Eles não nos podiam fazer parar.
- (As vozes por detrás do palco fazem um coro em harmonia subindo até um tom agudo e param de repente)
- Foi por isso que a polícia pôs uma bomba no nosso emissor.
- Soares - Fiquem descansados que a igreja será recompensada pelos estragos causados.
- Maria - A rádio Renascença foi restituída à igreja.
- (Tornam a pôr-lhe a mordaca na boca)

- Vasco - O República foi fechado.
(tornam a amarrar-lhe as mãos)
- Soares - Um golpe pela liberdade!
- Juíz - Tragam a próxima testemunha.
(A próxima testemunha pode ter uma bandeira vermelha nos ombros com uma preta por baixo. É um agitador, pode falar com uma voz baixa e rouca)
- Juíz - Nome?
- Dias - Jorge Dias.
- Juíz - Promete dizer a verdade?
- Dias - Juro por Deus e Salazar.
- Juíz - Onde é natural?
- Dias - Sou de Rio Maior.
- Soares - A resistência do povo de Rio Maior foi exemplar; dizendo 'não' aos comunismo o povo conseguiu mudar a direcção do vento que soprava então sobre Portugal.
- Juíz - Você conhece Mário Soares?
- Dias - Então não havia de conhecer? Eu fiz parte de muitos comícios organizados pelo P.S. no norte contra os comunistas.
- Juíz - Você era membro do P.S.?
- Dias - Não, eu sou militante do CDS (a capa vermelha cai)
- Juíz - Porque é que esses comícios não eram organizados pelo seu partido?
- Dias - Não era preciso. O P.S. fazia tudo por nós. Eles são um disfarce perfeito: um partido dos trabalhadores com um programa socialista, liderado por um homem que passou vários anos no exílio. Ninguém teria a coragem de o acusar de ser um fascista... Muitos dos líderes do meu partido eram membros do governo de Caetano, é por isso o que o Soares dizia soava mais verdadeiro.
- Juíz - E o povo do norte aceitou a propaganda anti-comunista?
- Dias - Claro que aceitaram. Eles não estavam organizados e a chamada revolução não melhorou em nada as suas condições de vida. Depois do 25 de Abril as companhias britânicas exportadoras do vinho do Porto, como Sandeman, Crofts e Cockburns começaram a boicotar os pequenos camponeses e os lagares começaram a ficar cheios de vinho que eles não conseguiam vender.
- Juíz - E porque é que eles não acusaram essas companhias dos problemas que elas lhes estavam a causar?
- Dias - Alguns estavam conscientes disso. Por exemplo em Vila Nova de Foz Coa os camponeses tentaram ocupar o Sandemans. Mas a maior parte deles estavam demasiadamente confusos. Eles receavam a reforma agrária, precisavam de bodes expiatórios; os comunistas, entretanto, tinham ocupado as posições administrativas, era fácil acusá-los de tudo o que estava a acontecer, e além disso nós convencemo-los de que os comunistas lhes iam tirar a terra.
- Juíz - Como é que vocês se conseguiram infiltrar?
- Dias - 60 ou 80 de nós foram de cidade em cidade, de comício em comício. Os oradores incitavam a ira no povo. Nós mostrámos-lhes como eles se podiam vingar. Nós fizemos com que eles queimassem as sedes dos comunistas. E quando eram precisos confrontações nós demos-lhes destes
(mostra uma moça)
- ~~DIAS~~ - Isto é uma moça para bater nos comunistas. Há uma fabriqueta em Rio Maior que os faz. As mocas são muito populares lá por aqueles lados.
- Soares - Mas, com certeza que vocês não vão identificar os socialistas com este fanático! Nós opomos a extremismos de qualquer natureza, sejam eles da direita ou da esquerda.
- Dias (voltando-se para trás quando vai a sair) Toma cuidado, meu amigo, toma cuidado.
- Soares - Bem... todos os partidos têm os seus elementos marginais- já tive até que expulsar alguns pessoalmente... Mas certo que os líderes do CDS têm a atitude política ~~de pessoas~~ equilibrada.

- Juíz - Chamem a próxima testemunha. (ela entra) Como se chama?
- Teresa - Teresa Correia.
- Juíz - Jura dizer a verdade?
- Teresa - Eu juro dizer o que vi com os meus próprios olhos e ouvi com os meus próprios ouvidos. Acha isso suficiente?
- Juíz - Isso é suficiente. Qual é a sua ocupação?
- Teresa - Eu trabalho nas minas.
- Juíz - Mas ela é uma mulher.
- Teresa - Em S. Pedro da Cova as mulheres trabalhavam ao lado dos homens nas minas. Quando engravidavam faziam outro trabalho, mas que era igualmente pesado, até que eram mandadas para casa sem ganhar. Muitas abortavam. Esta era a situação nas minas até há 5 ou 6 anos.
- Juíz - O que aconteceu então?
- Teresa - Os ~~donos das minas~~ ^{as minas} acharam que ~~elas~~ ~~xxx~~ já não estavam a dar o lucro que eles queriam que dessem e foram-nas abandonando. Havía desemprego em massa. Depois de termos trabalhado como escravos durante 180 anos achámos que era demais. Em Maio de 1975 ocupámos os escritórios e os armazéns que tinham sido abandonados. Passámos a chamar-lhes o Centro dos Mineiros Revolucionários. No dia seguinte houve uma reunião onde estiveram milhares de pessoas. Decidimos que não iríamos pagar mais renda à companhia.
- Juíz - O que é que fizeram com o dinheiro?
- Tereas - Usámo-lo para criar creches, centros de saúde, uma biblioteca, e classes de alfabetização. Tomámos conta dos pinheirais que pertenciam à companhia, planeámos construir serrações para criar mais postos de trabalho; formámos uma milícia popular para defender aquiloque tínhamos conquistado e elegemos uma intercomissão de moradores.
- Soares - Alto aí, alto aí. Como é que essa comissão foi eleita?
- Teresa - Nas reuniões plenárias, claro.
- Soares - Nas reuniões plenárias... não há intimidade nenhuma. toda a gente pode ver em quem se vota e influenciar o voto das outras pessoas. Porque é que vocês não usaram uma urna?
- Teresa - Bem... nas reuniões toda a gente podia ouvir todas as discussões e dizer o que pensavam; e se os membros da comissão não estivessem a fazer o que deviam, qualquer pessoa os podia criticar; podíamos mesmo destituí-los. Qualquer pessoa podia vir às reuniões - se se interessasse suficientemente com o futuro da aldeia; qualquer pessoa podia falar - mesmo as mulheres. E toda a gente podia votar.
- Soares - Toda a gente? Incluindo os donos das minas?
- Teresa - Não! Claro que eles não podiam votar.
- Soares - E vocês chamam a isso democracia. Vocês ~~ostraciaram-nos~~ ^{perseguiu-nos de parte} porque eles tinham pontos de vista diferentes dos vossos.
- Teresa - Não! Não foi por termos pontos de vista diferentes. ~~Ostraciaram-nos~~ ^{nos} porque nos exploravam.. Porque nós devíamos dar direitos democráticos a quem nos ~~negou os nossos~~ ^{esses mesmos direitos} durante tanto tempo?
- Soares - Mas, então, vocês não são melhores do que eles. Direitos iguais para todos é um principio democrático que é sagrado.
- Teresa - Mas nós não somos iguais! Eles têm a terra, a riqueza, e o poder e nós não temos nada - excepto as nossas mãos, a nossa inteligência, e a nossa força. Se eles ganham nós perdemos.
- Soares - Eu não passei anos no exílio a conduzir a luta contra o fascismo para ver Portugal a cair de novo numa ditadura.
- Teresa - No novo Portugal vai ser a maioria que dita a uma minoria. Vão ser os trabalhadores, os moradores, e os soldados, e os camponeses juntos nas assembleias do povo.
- Soares - Onde estão as vossas assembleias agora? Não existem!
- Juíz - O que aconteceu às assembleias?
- Teresa - Os patrões compreenderam que nós estávamos a ficar mais fortes e começaram a mobilizar-se. O ES conduziu a reacção.
- XXXXXX -

- Soares - As assembleias do povo eram inconstitucionais. Nós somos a favor da verdadeira democracia socialista- e não duma loucura demagógica anarco-populista.
- Teresa - Eles atacaram as nossas clínicas e expulsaram-nos das casas e das quintas abandonadas que tínhamos ocupado.
- Soares - As ocupações eram ilegais.
- Teresa - Eles soltaram os torturadores da PIDE, prenderam ^{umito dos obsecos de} Otelo Saraiva de ^{25 de Abril} Carvalho, o homem que planeou e conduziu a queda do fascismo ^{em no qual planeou} em 25 de Abril, e agora atiram contra os manifestantes. ^{+ Condição}
- Soares - De que outra maneira é que nós vamos fazer com que Portugal fique pronto para a democracia? Nós temos que ^{ter} ordem pública! ^{grada do}
- Juíz - Chamem a próxima testemunha. ^{fascismo}
- (Jaime Neves podia ser acompanhado pelo som de tambores marciais e falar duma maneira militar. Uma máscara de cadáver ou uma swastica talvez fossem apropriadas.)
- Juíz - Como se chama?
- Neves - Tenente Coronel Jaime Neves.
- Juíz - Jura dizer a verdade?
- Neves - Desde que não interfira ~~com~~ informação secreta.
- Juíz - Qual era o seu cargo nos acontecimentos do 25 de Novembro de 1975?
- Neves - Eu era o comandante dos comandos de Amadora. A situação geral do país era muito má. Mais de 80,000 operários da construção civil cercaram a Assembleia da República, exigindo o cumprimento de um acordo sobre salários. Os ministros e deputados estiveram cercados dentro do edifício durante 36 horas até que capitularam.

